**CARTAS DE UM JESUÍTA *MESTRE DE MENINOS* E PROFESSOR: BRASIL (SÉCULO XVI)**

**Letters of a Jesuit Master and Professor of Young Boys: Brazil**

**(XVIth Century)**

Marcos Roberto de Faria[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Especificar as representações de escola, ensino e aluno a partir das cartas do jesuíta Antonio Blázquez é a preocupação primeira deste artigo. Nesse sentido, o artigo considera as relações presentes na correspondência e que se deram, fundamentalmente, entre o jesuíta, os colonos, as autoridades e o índio. No entanto, há que se ressaltar que o nativo, ao qual as cartas se referem insistentemente, não tinha voz ativa nesse processo; pelo que estas informam muito mais sobre os modos de pensar e agir dos jesuítas do que sobre o índio; ou seja, o jesuíta é o agente da educação e é dele a interpretação dos fatos presentes nas cartas. O *texto sobre as* *cartas é apresentado em forma de tópicos de um glossário*, a partir dos quais especificam-se as representações a que o trabalho se propõe e se demonstra que, com o passar dos anos iniciais de experiência, a organização interna das casas e o trato com o nativo mudaram substancialmente. Isso se deve ao fato de que o jesuíta mudou, pois, à medida que ensinava, o padre também aprendia e tomava novos caminhos em sua prática.

**Palavras-chave**: Jesuítas. Educação. Século XVI, Brazil.

**Abstract**

To specify the representations of school, learning and student based in the letters of the Jesuit Antonio Blázquez is the primary concern of this paper. In that sense, the paper considers the relationships, as showed in the correspondence, mainly between the Jesuit father, the colons, the authorities and the native indians. However, it is necessary to point that the native, to whom the letters make reiterate reference, had no voice in this process; for that reason, the letters tell much more about the way of thinking and of acting of the Jesuits then that of the indians. In other words, the Jesuit is the agent of the education process and he is also author of the interpretation of the facts presented at the letters. *The content of the letters is presented in the form of topics of a glossary*, from which are specified the representations focused by the paper. It is demonstrated that, after the inicial experimental years, the internal organization of the houses and the treatment of the natives changed substantitally. This is explained by the fact the Jesuit also changed, for, while he thaught, he learned too and took new ways for his pedagogical practice.

**Kewywords:** Jesuits, Education, XVIth Century.

O escopo central do presente artigo se baseia na descrição das representações[[2]](#footnote-2) de escola, ensino e aluno que se efetuam nas cartas do jesuíta Antonio Blázquez[[3]](#footnote-3).

Para Loyola e seus companheiros, a instituição epistolar jesuítica era a espinha dorsal da empresa missionária da Companhia de Jesus no século XVI. Eisenberg (2000) reconhece tal importância. De acordo com o autor, esse era o meio de comunicação institucional da Ordem, contendo relatos dos acontecimentos nas casas jesuíticas e notícias gerais da Colônia. Mesmo silêncios e omissões nas cartas contam algo a respeito da atividade jesuítica, aquilo que não deveria ser dito ou que precisava ser ocultado (EISENBERG, 2000, p. 49).

Tomei, pois, como *referencial* a tese segundo a qual as cartas eram papéis que justificavam e sistematizavam a prática missionária e procurei estar atento aos ditos e não ditos, como salientou Eisenberg. Assim, a análise adiante tem como pano de fundo a questão: quais são as representações de escola, ensino e aluno que se podem inferir a partir das cartas de Blázquez? A opção pelos itens em forma de tópicos de um glossário, que serão apresentados no decorrer desse texto, se deu em função da escolha dos fragmentos das missivas.

As relações que se desenvolveram na correspondência se dão, fundamentalmente, entre o jesuíta, os colonos, as autoridades e o índio. No entanto, há que se ressaltar que esse aborígine, ao qual as cartas se referem insistentemente, não tinha voz ativa nesse processo. Assim, as missivas informam muito mais sobre os modos de pensar e agir dos jesuítas do que sobre o índio. Vamos às cartas, pois.

***Alunos bons e submissos***

Veja-se o que Blázquez informava sobre seus alunos no ano de 1554, destacando que o seu tempo era dedicado a ensinar a ler e escrever. Nota-se que o ensino da doutrina estava intimamente unido à prática da leitura e da escrita. Ensinava-se a ler por meio das orações:

Todo el otro más tiempo ocupo en enseñare leer y escrevir a los mamalucos desta tierra, de los quales ay algunos queescriven razonablemente, y los grandes saben toda la doctrina y los pequeños quase toda con otras algunas oraciones. (Carta do Ir. Antonio Blázquez aos padres e irmãos de Coimbra – Porto Seguro, 8/5/1554)

No relato seguinte, irmão Blázquez deixaria bastante clara a questão “alunos bons e submissos”. Atente-se que há uma referência à expressão “bom engenho”, certamente associada à questão da obediência e da facilidade ou capacidade de aprender a doutrina, pois logo em seguida há alusão ao método usado (o diálogo) para instruir-se a doutrina e o “essencial da fé”, associado à grande obediência aos padres. Era uma submissão irrestrita à autoridade, a fim de garantir um bom funcionamento do todo. O texto das *Constituições*[[4]](#footnote-4) ressaltava que uma das qualidades requeridas pelos jesuítas era a “sã doutrina” e a “habilidade para aprendê-la”. Isso, a meu ver, explicita a ideia do “bom engenho”, admirada pelos missionários. Nota-se o quanto a liberdade dos alunos era regulada, pois ninguém saía da aldeia sem o consentimento dos padres e a desobediência provocava o castigo. Veja-se:

Aqui há trinta moços d’escola nesta Aldeia, e na de Simão averá sessenta ou mais; *aprendem muito bem e há muitos entre elles de muito boom engenho*; os mais delles sabem a doutrina toda e sabem o esencial da fee, que em preguntas *à maneira de dialogo lhes ensinão na sua língua; tem grande obedientia aos Padres, ninguém da Aldeia vai fora sem pedir licença aos Padres,* e *se algum fas alguma travessura fas a penitentia que lhe dão*; e às veses he disiplinar-se na igreja. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, maio de 1556, grifos meus)

No ano seguinte, Ir. Blázquez se alegrou com a perseverança dos alunos e com o fato de estarem adiantados nos bons costumes. O bom engenho, certamente, era constatado pelo fato de também saberem as orações de cor – ou, como ressaltava o texto das *Constituições*, “quanto à memória devem ter aptidão para aprender e fidelidade para reter o aprendido” (par. 155). Leia-se:

hos indioszinhos, os quais em o principio *vierão à escola sesenta* e pola bondade do Senhor *ainda até agora persevera este numero* e, segundo cuido, de poucos dias a esta parte se tem acrecentado. *Estão**estes meninos tanto adiante* por aver tam pouco que se começou esta obra, e respeytando as más inclinações que herdão de seus pais, porque con a conversação e magistério dos Padres em *os costumes estão modestos e muitos delles sabem as orações de cor*. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, 1/1/1557, grifos meus)

O texto a seguir é de 1559. É interessante notar a referência ao saber “de cor”. Outro dado relevante é o fato de o provincial determinar que os meninos nativos mais adiantados no “ler e escrever” fossem transferidos para o colégio na escola de gramática, o que deixa claro que o colégio dos jesuítas também acolhia os meninos nativos. No entanto, estes habitavam “em umas casas a par de nós”. Os meninos aqui eram também encarregados de repreender os costumes de seus pais. Acompanhe-se o relato e as constatações de Blázquez, satisfeito com seus alunos nativos:

Estão estes meninos muito adiantados tanto em costumes e boa criação, como na doutrina e cousas da Fé. São por todos cento e quarenta, ainda que destes não serão assíduos sinão cem, entre os quaes ha alguns que sabem muito bem de cór a doutrina e um dialogo em sua lingua, onde está toda a substancia della, e destes se tem ordenado que altenatim, quando lhes chegar a sua vez, ensinem por si na sua lingua e na nossa a seus companheiros a doutrina christã. Fazem-no com tanta dextreza e desembaraço como qualquer de nós outros: gloria ao Senhor por tudo. Todos estes Indiozinhos e alguns maiorzinhos que têm dado de si boas mostras, são todos já christãos, por haver muito tempo que com elles se trabalha e da sua parte estar muito adiantado em tudo; posto que tem determinado nosso Padre, a estes que estão mais avantajados em ler e escrever, pol-os na escola de grammatica neste collegio, trazendo das casas onde os Irmãos estão os mais hábeis e de melhores talentos; creio que breve haverá communidade para que se ajuntem, os quaes estarão divididos em umas casas a par de nós, tomando conta delles no temporal um viuvo, homem honrado, que ha dias que se tem dedicado a este officio. Os mancebos, ultra do que atraz tenho dito, vão cada dia crescendo em amor e zelo de nossa lei e reprehendem os costumes de seus Paes, descobrindo aos Irmãos as abusões que usam sem nós outros o sabermos. (Carta do Ir. Antonio Blázquez para o padre geral – Bahia do Salvador, 10/9/1559)

Interessante, no extrato seguinte, a referência que Blázquez faz ao número de alunos, ressaltando que seria maior se estivessem reunidos em aldeias. O elogio aos alunos era constante nos seus textos. A menção ao diálogo em que consta a “suma da fé” também era motivo de enaltecimento: o diálogo acabava por se tornar, assim, um método de ensino e aprendizagem. Outra referência interessante é ao ensino mútuo, em que “ensina um delles aos outros as orações e dialogo”. Veja-se:

Os meninos que continuam a doutrina nesta povoação e andam na escola são 100, e mais seriam; porém, por não estarem ainda reunidas todas as aldeias, não andam mais; quando se forem congregando, irá também crescendo o numero delles. Aprendem mui bem, louvado o Senhor, e estão muito adiantados na doutrina e bons costumes. Vêm cada dia uma vez á escola, aonde se lhes ensina a doutrina e um diálogo onde está recopilado a summa da Fé, que o Padre Provincial ordenou e compoz para que, perguntando e respondendo, como maior facilidade lhe ficasse na cabeça. Além da doutrina da manhã e da tarde, que é a todos comum, têm estes meninos em especial outra, ás Ave-Marias, onde, juntos, ensina um delles aos outros as orações e dialogo. (Carta de Pe. Antonio Blázquez para Pe. mestre geral Diogo Laínez e aos mais padres e irmãos da Companhia – Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, 23/9/1561)

Meninos bons e submissos à doutrina cristã apresentada pelos padres é o retrato constante nos relatos jesuíticos. No entanto, tais submissão e bondade dos meninos, que “aprendem muito bem”, precisam ser interpretadas à luz do autor da carta: o jesuíta, interessado em dissipar os “maus costumes” pela raiz, escolhera a criança como “campo de batalha”. O inimigo a ser vencido não era, como na Europa, uma heresia, mas uma cultura dessemelhante. Nesse sentido, o elogio aos meninos se dava quando o jesuíta notava que sua cultura, a cristã, estava sendo assimilada e que a cultura nativa estava sendo dissipada. Os alunos eram bons desde que não retornassem ao “vômito dos antigos costumes”, como já dizia Anchieta.

***Sobre a instrumentalização dos meninos alunos***

Segundo Paiva (1982), os jesuítas fizeram uso da pregação dos meninos na catequese dos índios. Inicialmente, tratava-se de órfãos enviados de Portugal. Porém, não demorou e se ajuntaram a eles meninos índios atraídos pela novidade portuguesa (PAIVA, 1982, p. 73). É o que se constata no informe de Blázquez, quando destaca que os curumins andavam pelas casas da aldeia a ensinar a doutrina, sendo guias dos órfãos de Portugal. Esses meninos

Tem por costume quando nos encontrão saudar-nos: Jesus, Irmão, e con este benditissimo nome vi eu a muitos delles exortar-se huns a outros quando andavão trabalhando a par de nossa igreija. À noite manda o Irmão aos meninos que estão en casa que são christãos, que vão pólas casas da Aldeia a ensinar a doutrina levando em sua companhia alguns dos órfãos de Portugal. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, 1/1/1557)

Observa-se que Blázquez não deixava dúvidas sobre a utilização do serviço dos meninos órfãos de Portugal, que eram encarregados de ter sob seu cuidado “hum filho dos gentios”. Veja-se, no excerto a seguir, que há referência ao fascínio que a música exercia sobre o gentio, o que foi constatado rapidamente pelo sacerdote:

nós outros fizemos nosso caminho per’a Aldeã do Rio Vermelho. Como chegamos à vista dela *mandou João Gonçalves que cada menino órfão levasse hum filho dos gentios a seu cargo* por amor das feiticeiras que não nos embaissem, e asi *entrarão em procissão cantando*, do que elles se maravilhavão muito e ficavão como attonitos porque *em estremo são dados à musica e ouvir cantar*. (Carta do Ir. Antonio Blázquez a Pe. Inácio de Loyola – Bahia, 10/6/1557, grifos meus)

Tal situação levou Paiva (1982) a escrever que os jesuítas recolhiam os meninos índios em suas casas. Para isso, dispunham do serviço dos órfãos, que cativavam as crianças índias e por meio destes chegavam até os adultos (Paiva, 1982, p. 73). A utilização do serviço infantil era, portanto, fato entre os missionários jesuítas. Utilizava-se o serviço dos meninos órfãos de Portugal e também dos nativos, instrumentos de conversão para os adultos. Nesse sentido, eram um investimento certo e eficaz dentro da empresa missionária.

***Sobre as dificuldades para ensinar***

A ocupação diária dos meninos e o fato de viverem espalhados se apresentam como grandes dificuldades no que se refere ao ensino. Os meninos índios não davam muita importância à campainha que os jesuítas instituíram como sinal para os chamar à escola. Há uma referência, nas *Constituições,* ao uso da campainha como toque de recolher: ou para dormir ou para as refeições, mas principalmente para chamar os meninos para as aulas. Blázquez falou sobre tal uso, ressaltando a dificuldade encontrada pelo fato de viverem disseminados e se ocuparem com a pescaria. O texto seguinte faz ver, ainda, que a doutrinação não foi aceita passivamente pelos índios sem que antes se passasse por muito trabalho. Blázquez mostrou que era preciso implorar aos índios para que estes atendessem ao pedido dos missionários:

Na casa de N. Senhora, que está no Rio Vermelho, se continuou o exercício acustumado de doutrinar aquellas duas Aldeãs, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados e os meninos terem aly a pescaria, onde todo o dia andão hora huns hora outros, de maneira que se os não hião a buscar não vinhão por mais que lhes tangessem ha campainha, nem seus paes erão mui diligentes em vir, se primeiro lho não rogavão e inportunavão, no que se experimentava grande trabalho e aflição do espírito, até que Nosso Senhor quis abrir mais caminhos pera nos consolar. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, maio de 1556)

No ano seguinte, Blázquez voltaria a reclamar do trabalho que se tinha no que diz respeito aos alunos acudirem à campainha. Veja-se, aqui, mais uma constatação dos obstáculos encontrados pela Ordem Jesuítica em suas relações com a sociedade colonial, da qual os nativos eram parte integrante. Parece-me que os jesuítas tiveram grande dificuldade em conciliar as atividades cotidianas dos índios com a catequese. Note-se na narrativa a seguir que o jesuíta citava a questão da pobreza em que viviam os seus alunos e ressaltava que, mesmo assim, alguns ainda deixavam a pescaria, que era o seu sustento, para serem doutrinados:

Elle o Padre Ambrosio Pirez vão pola menham a huma Aldeã a que nós outros pussemos por nome Sam Lourenço e *feita lá a doutrina se veem pera casa a buscar os meninos que andão a pescar póla praya*, porque hé gente tão pobre que não tem outra cousa pera comer senão o que pescão. E por esta ocasião *se lhes faz algum tanto duro acudir à campainha,* mas *todavia vêem e juntos alguns* (porque todos não he possível) *lhes dão lição e insinão a doutrina*. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, 1/1/1557, grifos meus)

As dificuldades que Blázquez apontava indicam novamente a questão da ausência de um plano de aldeias. As ocupações dos meninos na caça ou na pescaria e o pouco caso que estes faziam da campainha demonstram, mais uma vez, o quanto o jesuíta queria o nativo encaixado em um padrão de vida totalmente disciplinado e regrado. O uso da campainha certamente era, no mínimo, algo que os nativos não entendiam. É interessante imaginar os indiozinhos pescando (algo que certamente gostavam de fazer e em que viam sentido, pois tiravam dali o sustento) e o toque da campainha os chamando para ouvir uma doutrina estranha e para rezar ladainhas... A preferência do nativo certamente seria a de continuar pescando... O jesuíta, porém, insistia no toque da campainha.

***Sobre o modo de ensinar***

Interessante o relato seguinte, escrito logo após a visita do provincial, Manuel da Nóbrega, no ano de 1556, quando *este levava consigo o texto das**Constituições*. Percebe-se no relato que, após a partida de Nóbrega, algumas providências foram tomadas no que diz respeito ao ensino já conformado às exigências do documento e que o resultado positivo foi imediato. Nóbrega levou também para a comunidade a “arte” que, segundo Serafim Leite (1954), era a *Arte* de Ir (método José de Anchieta). Veja-se o entusiasmo dos índios, ressaltado pelo jesuíta, em aprender a língua e a importância que assumiu o “método Anchieta”, chamado de “arte”, certamente um dos primeiros manuais usados pelos jesuítas no ensino aos nativos:

Nuestro Padre no a más de seis dias que lheguó a esta Ciudade, y en este poco de tienpo ha constetuýdo que todos los dias se hagua la doctrina a los Yndios en nuestra casa, y va en tanto crecimyento que, con ser oi el tercero dia, vinieron cien pessoas,de las quales está muy contento el Hermano (António Rodrigues) que los enseña, porque me dixo que vía en ellos mucha reverencia a las cosas que le dizia. Los niños y Hermanos de casa andan todos con gran fervor de saber la lengua, y paréceme que presto la sabrán, assí por el dezejo con que a ella se aplican, como porque para aprenderla tienen uma Arte que truxo el Padre Provincial. (Manuel da Nóbrega) (Carta do Ir. Antonio Blázquez aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa – Baía, 4/8/1556)

No ano seguinte, Blázquez informava de uma maneira bastante clara os *efeitos imediatos da chegada das**Constituições*. Interessante que, passados apenas quatro dias, iniciou-se a leitura e exercício do documento. Os ofícios na casa começaram a ser divididos de maneira mais sistematizada. Percebe-se, ainda, a referência à figura do reitor, ao mestre de noviços e à divisão em classes de estudo. As *Constituições,* como vimos, determinavam que o reitor era o responsável pelo cuidado em se observarem os preceitos do documento, por isso deveria ser “especialmente provado na obediência e humildade”. Interessante observar, também, o ensino destinado aos de fora da casa, delegando-se um jesuíta para esse fim, o que evidencia uma diferenciação no ensino destinado aos de dentro da casa e não habitantes. O trecho que se segue é claro ao mostrar que a chegada das *Constituições* determinou mudanças significativas na prática dos missionários. Atente-se:

O que ao presente primeiro se offerece he o que socedeo despois da chegada do Provincial. Deixando pois à parte a alegria que tivemos com sua vista, logo dahi a quatro dias se começarão a ler as Constituições e a se exercitar algumas dellas, dando aos Irmãos officios conforme a seus talentos pera que in via Domini com mais suavidade: ao Pe. Antonio Pirez, reitor e ministro, com ha prefeitura da cozinha; ao Pe. João Gonçalvez que avia tres annos que servia de cozinheiro e despenseiro,mestre de noviços com o cargo da sacristia; ao Irmão Lucena lhe coube a despensa; a mim e ao Irmão Antonio nos derão o estudo, repartindo-nos a cada hum sua classe. Ao Pe. Ambrosio Pirez que até então fora reitor o meteo em a cozinha. O derradeiro foy o Irmão António Rodrigues, a quem fez mestre de cathecumenos polas partes que pera isso tem do Senhor, tendo também anexo a isto o cargo de fazer a doutrina à gente de fora, o que fez todo o tempo que em a cidade esteve com grande copia de índios e índias. (Carta do Ir. Antonio Blázquez do quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 – Bahia, 1/1/1557)

Vê-se, portanto, o quanto era clara a influência determinante das *Constituições* sobre a prática diária dos jesuítas. As casas dos missionários começaram a se organizar a partir das definições do documento: os ofícios foram divididos a partir dele e o ensino passou por uma reorganização significativa.

***Escolas pobres***

No informe seguinte, Blázquez destaca o fato de o colégio passar por necessidades. O motivo apontado pelo jesuíta era o grande número de pessoas e a ausência de ajuda por parte do rei. É um relato que mostra, mais uma vez, a negligência da Coroa em relação à mantença das casas jesuíticas. Em seus próprios termos:

No collegio da Cidade tãobem ouve grande necessidade, por aver muita gente, e não aver remédio de mantença, porque nem tinha com que mercar mantimento aos christãos, por não ter dinheiro, nem ho aver d’El-Rei pera lho darem. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, maio de 1556)

Colégios passando por necessidades: eis a situação enfrentada também pelos inacianos em sua atividade missionária. A causa é apontada nas narrativas tanto de Blázquez como de Anchieta: a pobreza da própria população e a negligência por parte da Coroa. A pobreza, no entanto, era vista nos moldes europeus, ou seja, de acordo com o conforto ao qual estavam acostumados os jesuítas na Europa. Para os índios, contudo, estar ao ar livre em uma cabana pobre, como relata Anchieta, não se tratava de “sintoma de pobreza”. A falta de mantimentos também é algo a ser analisado: a natureza pródiga, muitas vezes ressaltada pelos próprios jesuítas, estava ali, pronta para servi-los. A questão me pareceu, portanto, resultado do deslocamento ao qual se viu forçado o índio. Ou seja, sem meios ou permissão para pescar ou caçar, o índio se viu reduzido a aprender lições de gramática e a recitar orações, em lugar de sua antiga e “perversa” ocupação do tempo no meio das matas. A fome e a miséria foram, pois, resultados do deslocamento ao qual o índio foi submetido; por outro lado, a casa pobre para o jesuíta era, para o índio, na verdade, algo bem mais arrumado que suas ocas.

***Tópicos relacionados ao ensino***

A *ocupação dos missionários no ensino* pareceu-me relevante, considerada uma das principais atividades dos jesuítas na nova terra. O trecho seguinte é ilustrativo da valorização do ensino pela Companhia de Jesus. Ir. Blázquez ressaltava que ocupava boa parte de seu tempo com o ensino dos nativos. Observe-se:

*Todo el otro más tiempo ocupo en enseñare leer y escrevir a los mamalucos desta tierra*, de los quales ay algunos que escriven razonablemente, y los grandes saben toda la doctrina y los pequeños quase toda con otras algunas oraciones. (Carta do Ir. Antonio Blázquez aos padres e irmãos de Coimbra – Porto Seguro, 8/5/1554, grifos meus)

Ir. Blázquez salientava, no relato seguinte, que em sua comunidade o domingo era o dia mais apropriado para ensinar, pois a frequência nesse dia era maior. Isso faz supor uma certa adaptação às ocupações dos índios, que certamente não deixavam de pescar e caçar para frequentar as aulas. Aliás, o texto das *Constituições* dava abertura para uma certa flexibilidade, no sentido de adaptação às necessidades de cada lugar onde se estabeleceriam casas da Companhia, exigindo que houvesse pelo menos “escolas de letras de humanidade”, segundo a disposição do lugar.

O excerto adiante é do *período posterior à chegada das**Constituições*. No entanto, o domingo já era uma imposição cristã, por ser o dia sagrado para o cristianismo, no qual se celebra a ressurreição de Cristo. Assim, mesmo com as devidas adaptações às condições locais, existia imposição de uma nova cultura: a de respeitar o “Dia do Senhor” (que, aliás, é o significado da palavra “domingo”). Veja-se a narrativa do jesuíta, que também destacava a maior frequência das mulheres:

*Por la semana se enseña la doctrina, mas son mui pocos los que acuden; a los domingos vienen más* o según parece todos los que pueden venir: y con esta pobreza nos contentávamos porque no se apagase del todo el fuego, esperando acenderse presto de manera que abraze los coraçones de muchos. En el Colégio de la Ciudad la doctrina se prosigue con mucha deligencia**.** *A los domingos y fiestas se enseña dos vezes, scilicet, a la misa y después a la tarde, y comumente tienen plática que declara la doctrina en su lengua, y viene mucha gente a elha de la esclavería, principalmente mugeres*. (Carta do Ir. Antonio Blázquez por comissão de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Diego Laínez, Roma – Baía, último de abril de 1558, grifos meus)

Sobre as *férias escolares*, Ir. Blázquez ressalta a necessidade do descanso para os alunos, devido ao muito trabalho. É interessante observar que o jesuíta destaca que o repouso era para recobrar a saúde do corpo, em muitos debilitada. Mas as férias eram somente do estudo e dos trabalhos, porque a atividade missionária dos alunos continuava, mesmo em tempo de férias, ensinando a doutrina cristã aos filhos dos gentios. Veja-se:

Dahi a quatro dias, que foy bespora de Todos os Santos (31 de outubro de 1556), por lhes pagar esta vinda, mandou o Padre à Aldeã os meninos órfãos a que lhe cantassem as vésperas e officiassem a missa. *Estiverão os estudantes em hermida dous messes,*[[5]](#footnote-5) *refazendo-sse em as forças corporais, porque do continuo trabalho estavão muy debilitados* e avião enfermado alguns. Asi que, como dizem*, fizerão de huma via dous mandados, porque hindo a cobrar saúde do corpo, davão a outros a saúde d’alma ensinando aos filhos dos gentios a doutrina christãa,* tomando-lhes também conta de sua lição. (Carta do Ir. Antonio Blázquez – Baía, 1/1/1557)

A *divisão dos alunos em classes* escolares também está destacada no relato de Ir. Blázquez, como meio de conseguir melhor resultado no ensino. Essa divisão era produto de uma prática sintonizada com as determinações das *Constituições,* que sistematizavam a organização das escolas em séries distintas. A regra para a divisão em classes era o nível de aprendizado: uma classe para os que mais sabiam e uma classe para os que menos sabiam. Veja-se:

El estudo se continuó estos meses en el Colégio de la Ciudad con mucha diligencia, porque se leia en dos clases: el Padre Ambrosio Pirez enseñava a los que más sabían, y Antonio Blázquez a los otros más somenos, scilicet, a los de casa y a quatro o cinquo capelanes de la Sé, porque no son más los estudiantes nesta tierra... (Carta do Ir. Antonio Blázquez por comissão de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Diego Laínez, Roma – Baía, último de abril de 1558)

O texto que reproduzo a seguir é de 1564, quando o já então Pe. Antonio Blázquez demonstrava um certo desânimo na doutrina aos “de fora”. Trata-se do que pode ser observado nos textos de Nóbrega, quando este abandonou a “via amorosa” para usar a “via da experiência”, mais radical e autoritária (Pécora, 1999, p. 395). O estudo era destinado a padres e irmãos e era neles que se investia. Interessante a referência às “conclusões” sustentadas aos sábados, o que aponta para uma prática determinada pelas *Constituições*. A referência ao texto de poesia da *Eneida* também é relevante, pois informa sobre o que se lia. Apesar de, segundo o informe, os “de fora” pouco se interessarem pelos estudos, ainda assim havia aqueles que frequentavam a escola de ler e escrever. Percebe-se, ainda, o cuidado especial para com os noviços e a recomendação em destaque para que não fossem preguiçosos. Por fim, note-se a informação de que os *Exercícios espirituais* eram ensinados para se “adextrar nelles” (a expressão já fala por si só!). Vejam-se as informações:

O estudo nunca nesta terra andou com tanto fervor (entendendo-se entre os nossos Padres e Irmãos, que a gente de fora pouco se dá disso). Tem os nossos as suas conclusões nos sabbados á tarde e a ellas se acham presentes o Padre Provincial com outros Padres. No outro sabbado veiu o Bispo vel-os e tambem argumentar com elles, e, pela bondade do Senhor, para estudantes Brasis fazem-n’o muito bem. São por todos, entre Padres e Irmãos, onze, e porque a todos se desse o tempo necessario para os seus estudos, lê o irmão Luis Carvalho pela manhã uma hora de poesia do livro segundo da Eneida aos mais adiantados, posto que tenha accidentes costumados... Tambem se tem especial cuidado com os rapazes que vêm de fóra aprender a ler e escrever e bons costumes: os que vêm, segundo tenho sabido, andarão por uns quarenta, os quaes tem a seu cargo o irmão Sebastião de Pina, ajudando-o outro que dá as matérias e traslados aos moços... Com os noviços de casa se tem particular conta e cuidado, para que com fervor e aproveitamento espiritual prosigam no caminho do Senhor, ajudados pela bondade e exemplo de seu mestre o padre Antonio Pires, que, como padre antigo e velho e experimentado em qualquer ministério da Companhia, lhes é de grande auxilio para não serem preguiçosos no serviço do Senhor, porque, quanto ao que respeita á observancia das regras, faz que se guardem como convém, e não o fazendo, conforme ao descuido e falta, dá a penitencia saudavel; para outros exercícios espirituaes tem especial talento para os ensinar e adextrar nelles, com o que se conhece nos noviços particular aproveitamento espiritual. Seja tudo em gloria e honra do Senhor. (Carta de Pe. Antonio Blázquez para Portugal – da Bahia de Todos os Santos, 13/9/1564)

Os tópicos levantados nos relatos trabalhados neste texto se referem à organização do ensino nas escolas com as quais Blázquez tinha contato. São referências que se constituem, a meu ver, em narrativas fundamentais para a compreensão das primeiras providências tomadas pelos jesuítas para sistematizar o ensino em terras novas. Assim, determinaram-se os dias para ensinar, a duração das aulas, as férias escolares e outras questões. Tudo isso era uma semente lançada, um primeiro passo para a organização da educação em uma terra de “costumes dessemelhantes” aos olhos dos jesuítas recém-chegados ao Novo Mundo.

**Referências**

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno:* encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

LEITE, Serafim da Silva. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil.* São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

LOYOLA, Inácio. *Exercícios espirituais*. 3. ed. sobre a primeira de Coimbra, 1726. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1952.

PAIVA, José Maria. *Colonização e catequese.* São Paulo: Cortez, 1982. (Col. Memória da Educação).

PÉCORA, Alcir. Cartas à Segunda Escolástica. In: NOVAES, Adauto. *A outra margem do* *ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

1. Professor Adjunto, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Doutor em Educação: História, Política, Sociedade, pela PUC-SP. [↑](#footnote-ref-1)
2. Segundo Roger Chartier (1990), a noção de representação é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem no âmbito da história cultural. Mas a razão é outra. Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, por meio das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23). Nesse sentido, destaca Chartier, a tarefa primeira do historiador, como do etnólogo, é reencontrar as representações antigas, na sua irredutível especificidade, isto é, sem as envolver em categorias anacrônicas nem as medir pelos padrões da utensilagem mental do século XX (CHARTIER, 1990, p. 37). [↑](#footnote-ref-2)
3. Segundo Serafim Leite (1954), o castelhano Antonio Blázquez foi enviado com Ambrosio Pires a Porto Seguro, onde foi mestre de meninos: latim aos menos adiantados, leitura e escrita, além de catequese. Era irmão quando veio na missão de Luiz da Grã. Deve ter voltado para a Bahia com o mesmo Ambrosio Pires. Aí, já em 1555, exercia seu ofício de professor. Em 1562, sempre ensinando no Colégio, foi ordenado padre pelo bispo D. Pedro Leitão. Ao observar suas cartas, percebi que nelas existe um detalhamento bastante interessante sobre as escolas e o ensino no período, o que me estimulou a inclui-las no meu campo de pesquisa. [↑](#footnote-ref-3)
4. Na introdução ao texto das *Constituições,* Pe. Iparraguirre ressalta que nelas se pretendeu legislar para toda a vida, regular as ações não só internas, mas também as que se davam com os superiores, iguais e inferiores; estabelecer, em uma palavra, uma base jurídica e dar normas práticas de ação. Para o religioso, a história da elaboração do texto se iniciou em 1540 e em 4 de março de 1541 começaram as deliberações dos seis padres que puderam se reunir: Loyola, Laínez, Salmerón, Coduri, Broët e Jayo, que trataram dos pontos vitais: a admissão à Companhia, as causas de se despedir alguém, o sentido do voto de pobreza, o exame dos noviços, a formação dos que eram admitidos, as atribuições do geral, o ensino do catecismo às crianças, as vestes que deveriam usar, a oração do ofício divino, a celebração da missa e questões parecidas. Essa não foi a organização definitiva do documento, mas um esboço das questões cruciais das quais deveria tratar, não necessariamente na ordem apresentada. Resolvidos tais pontos, eleito geral Loyola por voto unânime de seus companheiros e emitida a profissão na Basílica de São Paulo (em 22 de abril de 1541), Loyola e Coduri permaneceram em Roma, encarregados de elaborar e estruturar as decisões tomadas, trabalho concluído em 1545. Loyola decidiu, então, comunicar a toda a Companhia as conclusões adotadas, que teriam força de lei, mas cuja redação era provisória. Queria que suas disposições passassem pela prova da experiência, antes de sua aprovação definitiva. Em 1547, Loyola convidou Juan de Polanco para ser secretário da Companhia, o qual teve importância fundamental na fase preparatória da composição das *Constituições.* Em 1551, a Ordem já contava com um código bem definido e preciso. No entanto, somente em 1556, com as devidas correções feitas por Loyola, é que se chegou ao texto definitivo das *Constituições*, cuja edição oficial e autêntica saiu em 1558 (Loyola, 1952, p. 345-56). O texto das *Constituições* chega à América portuguesa em 1556. [↑](#footnote-ref-4)
5. Segundo Serafim Leite, esta parece ser a primeira menção de férias de estudantes na América portuguesa: novembro e dezembro de 1556 (LEITE, 1954, p. 353, nota). [↑](#footnote-ref-5)